

O lado feminino da força: primeira trilogia *Stars Wars* e a representatividade feminina na cultura pop

RESUMO

Stéfannie Xavier Lopes
E-mail: stefanniexavier@gmail.com
Faculdades Integradas Pitágoras de
Montes Claros, Montes Claros,
Minas Gerais, Brasil.

Gustavo Souza Santos
E-mail: gustavo.ccpv@gmail.com
Faculdades Integradas Pitágoras de
Montes Claros, Montes Claros,
Minas Gerais, Brasil.

A proposta desse estudo foi analisar a construção da representatividade feminina na saga *Stars Wars*, considerando sua primeira trilogia (1977-1983). A pesquisa, de abordagem documental, examinou os episódios IV, V e VI, sob a técnica da análise de conteúdo, partindo de sua ordem de lançamento, examinando a representatividade da figura feminina no desenvolvimento de cada trama da trilogia. A trilogia clássica de *Stars Wars* apresenta como figura feminina mais expressiva, sobretudo, a princesa rebelde Leia Organa e que, mesmo em sua posição de líder política na trama, apresenta mensagens de sub-representação da mulher em posição de liderança, assim como as produções em seu contexto geral, pobres em visibilidade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: *Stars Wars*. Mulher. Representatividade. Cultura pop. Cinema.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os meios de comunicação de massa não podem ser vistos apenas como veículos de informação factual, entretenimento ou publicidade. Em sua *práxis* está a apropriação da cotidianidade como plano de fundo ou substrato, constituindo-se em panoramas e registros espaço-temporais. Nessa perspectiva, tais meios se tornam setores de representações da vida e experiência sociais correntes. Entende-se aqui a representação como o enfoque objetivo e/ou subjetivo da imagem, performance, ação e o conjunto de características que designam um indivíduo ou um grupo em questões estruturais e formais, a partir da identidade e da ação social. A representação é tida tanto em produtos midiáticos como em composições sociais.

Já a representatividade designa um exercício de reconhecimento de representações que sejam construídas a partir da narrativa e da construção que os próprios sujeitos ou grupos fazem de si mesmos, livres de estereótipos ou construções discriminatórias, invisibilizadoras ou portadoras de estruturas sociopolíticas que, agenciando poder, legislam sobre a imagem de tais sujeitos e grupos na vida social cotidiana e também nos produtos midiáticos onde estes são representados.

A representatividade em todos os âmbitos da comunicação, pode transformar a forma como as temáticas são encaradas, no dia-a-dia, onde transformações sociais ocorrem a todo tempo. Sendo assim, o cinema, por meio de seu discurso, pode exercer controle sobre determinadas questões sociais (MORAIS, 2012). Cabe aos meios de comunicação a responsabilidade de não somente representar os anseios da maioria massificada – no que se entende como arqueologicamente nos detentores do poder social e político como homens, brancos, heterossexuais e cristãos -, como também retratar a realidade das minorias representativas, isto é, grupos e sujeitos com menos voz e maiores obstáculos sociopolíticos na tratativa de sua existência.

Entre as diversas possibilidades de discurso e representação no cinema está a imagem da mulher. Concomitante às pulsões sócio-políticas de base, o feminino no cinema busca visibilidade, voz, igualdade e realidade. Desse modo, pensar a representatividade da mulher é retratá-la para além do imaginário social cristalizado historicamente, desenvolvendo sua figura de modo real, autônomo e igual.

Hoje, com o avanço da pauta progressista e do movimento feminista, o cinema precisa ser encarado sob uma nova perspectiva. Filmes que marcam épocas, como *Stars Wars*, onde desde a década de 1970 traz personagens femininos que movem o contexto de suas tramas, apresenta em cada peça de sua saga exemplares da imagem feminina em cada ano de lançamento.

Stars Wars, desde seu primeiro lançamento em 1977, é uma saga de grande audiência e um ícone da cultura pop e do cinema¹. Produções assim, que detêm grande repercussão e impacto sobre o público, têm o papel da difusão de imagens e representações da sociedade de cada tempo. Essas obras tornam-se experiências de representação e observatórios de representatividade.

Levou-se em conta para a análise a trilogia clássica da saga, isto é, este artigo analisou a construção da representatividade feminina nos filmes *Star Wars Episódio IV: Uma Nova Esperança* (1977), *Stars Wars Episódio V: O Império contra-ataca* (1980) e *Stars Wars Episódio VI: O retorno de Jedi* (1983), excluindo a trilogia

de *prequel* ou apresentação prévia da saga (episódios I, II e III, a trilogia em andamento a partir do episódio VII e os spin-offs *A Stars Wars Story*). Considerou-se presença de figuras femininas e sua importância qualitativa e quantitativa para as tramas das obras examinadas, bem como a construção da imagem dessas personagens em busca de um panorama de representatividade.

Debruçar-se sobre a construção da imagem feminina em produtos midiáticos de grande apelo popular e inscritos na cultura pop implica em analisar os aspectos constitutivos dessa representação em termos de uma meta por representatividade, mas, sobretudo, construindo uma vertente de análise da minúcia dessa imagem e os possíveis efeitos dessa representação para grandes públicos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Desenvolveu-se aqui uma pesquisa de aporte documental, examinando as obras que constituem a trilogia clássica ou primeira trilogia cronologicamente como *corpus*: *Stars Wars Episódio IV: Uma Nova Esperança* (1977), *Stars Wars Episódio V: O Império contra-ataca* (1980), *Stars Wars Episódio VI: O retorno de Jedi* (1983).

Em um primeiro momento, foram analisados aspectos como relevância da personagem feminina para a história, a postura dos outros personagens quanto à presença das personagens femininas, posição social e de poder que as personagens assumem durante sua trajetória nos filmes. Em seguida, foi realizada a análise dos enredos, identificando e catalogando personagens femininos e masculinos, suas funções para a trama e suas relações entre si.

Adiante, analisaram-se os atos da trama, a partir da perspectiva das personagens femininas, procurando entender sua contribuição para o clímax e desfecho das obras, além do registro dessas personagens, contendo suas histórias e trajetórias nas obras referentes a cada ano/período e associação histórica de sua representação.

EM BUSCA DE REPRESENTATIVIDADE A LONG TIME AGO IN A GALAXY FAR, FAR AWAY...

Stars Wars começa sua trajetória em 1977 com o lançamento do primeiro filme da saga: *Stars Wars episódio IV: Uma Nova Esperança*. Desde então, a saga tem sucesso mundial, conquistando milhares de fãs ao longo de 41 anos. Com um começo conturbado, *Stars Wars* não era, aos olhos dos estúdios de entretenimento da época, um filme que atingiria sucesso de bilheteria. Tratava-se de uma obra de ficção-científica e guerra em uma época em que esses dois estilos tinham baixa procura. Mas, apesar da descrença do ramo e do mercado, o diretor George Lucas finalizou o primeiro filme e fez um lançamento pequeno, em apenas 32 cinemas².

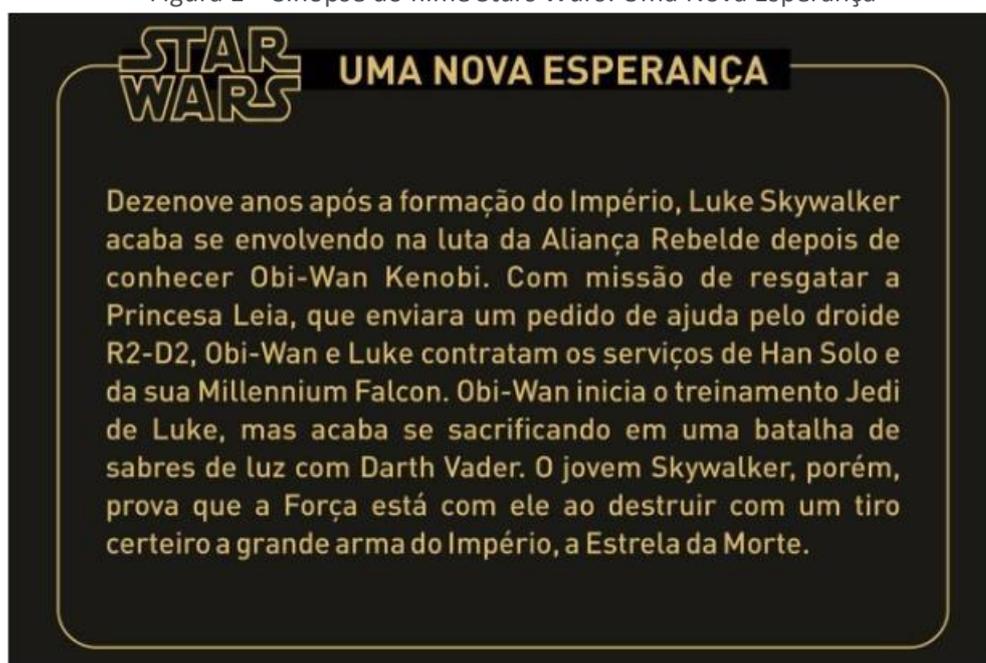
Com recordes de bilheterias em todos os cinemas, *Stars Wars* foi a porta para novas continuações, ganhando em 7 categorias no Oscar em 1977, além de mais 4 indicações³. O sucesso de público e recepção tornou-se sucesso em continuações e licenciamento de produtos como livros, brinquedos e colecionáveis diversos.

Com um universo que contempla além de 10 filmes, séries de TV, livros, quadrinhos, animações e jogos, novos personagens e histórias paralelas, *Stars Wars* tem um universo próprio de entretenimento e narrativas.

Apesar da enumeração dos episódios - como são categorizados os filmes da saga - ser crescente, a primeira trilogia começa com o quarto episódio em *Uma Nova Esperança*. Seguem o *Episódio V: O Império contra-ataca* e, por fim, *Episódio VI: O retorno de Jedi*. Nessa trilogia a história é desenvolvida em torno dos personagens princesa Leia Organa, Luke Skywalker, Han Solo, Chewacca, Obi-Wan Kenobi, Darth Vader e Darth Sidious.

UMA NOVA ESPERANÇA: LEIA ORGANA, A PRINCESA REBELDE

Figura 1 – Sinopse do filme *Stars Wars: Uma Nova Esperança*



Fonte: site Omelete

Cassiana Panini Gabrielli (2011) afirma que o discurso feminista começa antes dos anos 1970, mas que é justamente nessa década que há organização de suas ideias e teorias. Nessa mesma época a saga apresenta uma personagem feminina fundamental para a sua trama, a Princesa Leia (Figura 1).

A Princesa Leia, como é comumente chamada a personagem Leia Organa, é apresentada logo nos primeiros minutos do filme, não se intimidando com a presença dos *stormtroopers*⁴, assumindo uma postura firme e cumprindo o seu dever: enviar uma mensagem para Obi-Wan Kenobi⁵.

Leia não é, como já mostra o filme desde o início, uma princesa como as das histórias infantis. A princesa intergaláctica é uma das líderes da Aliança Rebelde, membro do Senado Imperial e filha da família real de Alderaan. Com tantos títulos políticos e militares, Organa se apresenta como uma personagem forte e muito firme em suas convicções (figura 2).

Figura 2 – Leia se apresenta



Fonte: *Stars Wars* – Episódio IV: Uma nova esperança

Contudo, o primeiro filme cumpre o papel de introduzir e apresentar a história, o universo e os personagens da saga. Contudo, o filme deixa conflituosa a relação da personagem com sua identidade e os diferentes papéis que a trama lhe apresenta face à sua própria narrativa e trajetória, resvalando na dúvida de sua independência ou recurso narrativo para ampliar ou complexificar uma presença masculina de destaque como os personagens Luke ou Han, em detrimento à sua própria narrativa.

Carolina Alves Magaldi e Carla Silva Machado (2016) discutem que, a representação feminina, em algumas produções, ainda é perpassada pela visão masculina ou por uma concepção central masculina, de modo que a figura feminina fica restrita à narrativa ou à trajetória dos personagens masculinos, como apoios de enredo e não propriamente personagens com tramas claras e significativas para o desenvolvimento geral do roteiro.

Leia, a exemplo, está entre os principais personagens da trama, mas não é a protagonista. Luke Skywalker⁶, que ainda não tem muito conhecimento da Força, da Aliança Rebelde⁷ e do Império⁸, é quem vai se tornar, ao final do filme, o herói que vem do zero.

Grande parte do filme se passa no resgate de Leia das mãos do Império. Ela é resgatada, salva e levada para a base rebelde. Luke, em sua progressão como herói, é quem a salva juntamente com Han Solo⁹, com o comando de Obi-Wan. O

problema, no entanto, é que dos quatro personagens apresentados: Obi-wan, um dos últimos Jedis¹⁰ vivo; Han Solo, um contrabandista; Luke, um piloto e Leia, uma das líderes da Aliança Rebelde; somente Obi-Wan e Leia faziam parte da esfera política de fato. Sendo que Obi-Wan não participa mais ativamente da luta, além de morrer antes do resgate completo da princesa.

Quem de fato leva Leia para a segurança da base rebelde é Han Solo e Luke, que não têm nenhum histórico com a causa rebelde. Pelo contrário, Han Solo só faz parte da missão para ganhar dinheiro, onde o resgate da princesa é para ele

um serviço, nada mais. A trama progride e os personagens Luke e Han Solo são condecorados como heróis de guerra (figura 3).

Figura 3 - Heróis de guerra



Fonte: *Stars Wars* – Episódio IV: Uma nova esperança.

Leia é uma personagem pronta em sua apresentação. O filme não revela seu background, isto é, como chegou à sua posição. Por isso, sua evolução não é tão perceptível quanto nas continuações da saga. Conforme mostrado nos gráficos abaixo, observa-se que este episódio não tem uma quantidade expressiva de mulheres (figura 4). Elas se resumem a somente duas: Leia e Beru Lars, sendo que essa última tem mínimo tempo de tela.

Figura 4 – Proporção de mulheres e homens em Uma Nova Esperança



Fonte: *Stars Wars* – Episódio IV: Uma nova esperança

Beru é casada com Owen Lars, tio de Luke, que juntos criaram o menino órfão. A presença da tia se resume a mostrar o cuidado com a família, evidenciando-a em serviços como cozinhar e servir a família. Ela não tem evolução no filme, porém sua morte ajuda no desenvolvimento da jornada do herói de Luke, tornando-se motivação pessoal do protagonista para a investida contra o Império.

A personagem Beru, para o filme, tem tratamento pouco relevante, uma vez que o seu nome só é dito depois de 40 minutos de exibição, após sua morte e não como forma de apresentação (Luke apenas chama por ela). Já o nome de Owen Lars, que tem a mesma importância e função que Beru, é mencionado várias vezes desde o início da trama.

Outro ponto que demonstra a pouca importância dada à personagem Beru é o fato de que seu figurino não é condizente com o figurino de todos os outros personagens (figura 5). Suas roupas traduzem de forma clara a década de 1970, todavia sem a estética galáctica do filme, como se a decisão de a posicionar no enredo fosse apressada, descuidada ou de último momento.

Figura 5 – Beru e seu figurino anos 1970



Fonte: *Stars Wars* – Episódio IV: Uma nova esperança

Considerando as relações que as personagens estabelecem no filme, levou-se em conta as regras do Teste de Bechdel. O teste foi criado em 1987 por Alisson Bechdel, escritora de histórias em quadrinhos. A proposta do teste era refletir a inadequação da representação de personagens femininas nas histórias em quadrinhos, ora como subtramas para potencializar a ação de personagens masculinos, ora manobras que partem e retornam à centralidade da representação masculina na história. O teste se compõe de três regras: 1) O filme precisa ter pelo menos duas mulheres nomeadas; 2) as personagens precisam conversar entre si em alguma cena em tela; 3) o assunto pode ser qualquer um que não seja homem.

Apesar de regras notoriamente simples, o filme *Stars Wars: Uma Nova Esperança* não passa em dois dos requisitos do teste. Têm-se duas personagens femininas nomeadas, entretanto elas não conversam ou estabelecem qualquer

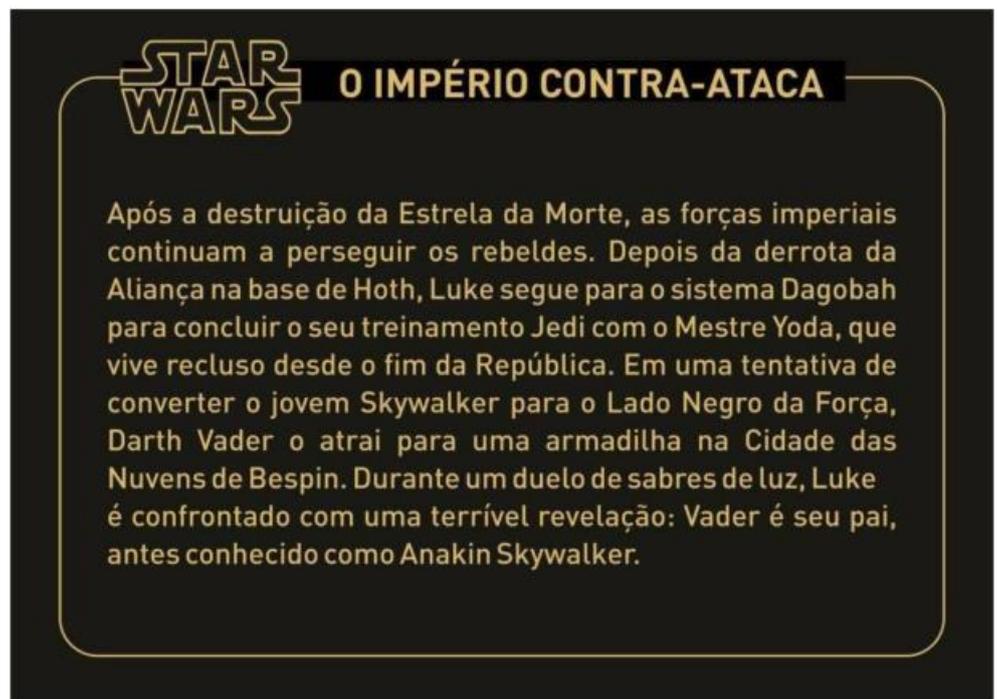
relação entre si. Isso revela que mesmo que *Stars Wars* comece com a progressão de apresentar uma mulher forte e líder, tal aspecto ainda é insuficiente para uma representatividade expressiva - embora o filme tenha sido produzido antes do desenvolvimento da métrica.

A relação dessas mulheres com os homens que as cercam é ainda mais problemática. Por um lado, tem-se Beru com diálogos superficiais com os dois personagens que a cercam: Luke e Owen. Conversas simples e curtas definem a relação entre estes personagens.

Leia, no entanto, tem uma gama maior de personagens à sua volta e, com esses personagens, tem relação intensa e crucial para o desenvolvimento tanto dos personagens quanto da trama. Tratando de sua posição de poder, ela tem relações de igualdade e de superioridade, a exemplo da posse do título de nobreza da Aliança Rebelde, enquanto Luke é apenas piloto recém-ingressado na Aliança, e Han Solo é um contrabandista.

O IMPÉRIO CONTRA-ATACA: LEIA E HAN SOLO

Figura 6 - História do filme *Stars Wars: O império contra-ataca*



Fonte: site Omelete

O segundo filme da saga tem lançamento em 1980, uma nova década, que trouxe a teorização dos estudos feministas, enquanto o movimento ganhava ainda mais força. Mesmo com essa evolução em iminência, *Stars Wars - Episódio V: O Império contra-ataca* quebra a progressão que começou com o primeiro filme. Se no primeiro episódio é perceptível que os personagens masculinos sentem atração pela princesa, nesse filme o romance com Han Solo faz de Leia uma peça-chave para legitimar a posição de galã que ele conquistara no primeiro filme (figura 7).

Figura 7 - Investidas de Han Solo em Leia



Fonte: *Stars Wars* – Episódio V: O Império contra-ataca

Tatiana Cristina Cardoso e Edson Ferreira de Freitas Junior (2011) pontuam que, em alguns casos, o cinema hollywoodiano acaba por dar à mulher o papel de ser objeto de prazer visual masculino, passando a ser *voyeur* perante o objeto desejado. Isso pode ser observado nas investidas afetivas de Han Solo a Leia que, por sua vez, não corresponde no início com respostas sarcásticas.

Outro ponto fundamental na relação de Leia com Han Solo é que a princesa assume uma postura submissa, de proteção diante do galã. Nisso, Cardoso e Freitas Junior (2011) também afirmam que a objetificação pode ser presente em ambos os sexos, mas que quando a visão é masculina, há o olhar de poder e posse que não é utilizado no olhar feminino, assim o homem é constantemente retratado como superior.

Quando Han não está presente na cena, a personagem se sobressai e fica mais à frente nos ataques contra o Império (figura 8). No final, a trama mostra que Leia e Han Solo iniciam um romance, constituindo-se um casal emblemático da saga *Stars Wars* (figura 9).

Uma contradição fica clara na postura da princesa durante o filme: ao passo que ela continua com sua posição de líder apresentada no episódio inicial, agora coordenando tropas de homens dentro da Aliança Rebelde, ela também tem uma postura submissa em relação a um homem que está em uma posição de inferioridade, se comparado às posições de poder ocupadas por ambos os personagens.

Figura 8 - Leia coordenando o ataque à Estrela da Morte



Fonte: *Stars Wars* – Episódio V: O Império contra-ataca.

Figura 9 – Ofensiva de Han Solo



Fonte: *Stars Wars* – Episódio V: O Império contra-ataca.

É perceptível ainda a mudança drástica de figurino da personagem. No primeiro filme, ela usa um vestido branco que a confere um visual de princesa. Nesse filme, por assumir a liderança de forma mais clara, Leia passa a usar calça e colete, principalmente nas cenas em que ela é mostrada usando armas, dando comandos ou consertando algo.

No final do filme, na imagem de Leia e Luke abraçados olhando para o espaço depois de todo o decorrer da trama, ela retoma suas vestimentas reais, com vestido e cabelo em coque (figura 10). Nesse momento, Luke está com uma postura de quem está consolando e cuidando de uma pessoa, pois Han Solo havia sido congelado por Darth Vader¹¹.

Figura 10 – Leia com suas vestimentas antigas



Fonte: *Stars Wars* – Episódio V: O Império contra-ataca.

Diferentemente do primeiro filme em que havia, pelo menos, duas personagens femininas, nesse filme a única personagem feminina em todo filme é Leia. Sendo assim, o segundo filme da saga não passa em nenhum dos requisitos do Teste de Bechdel.

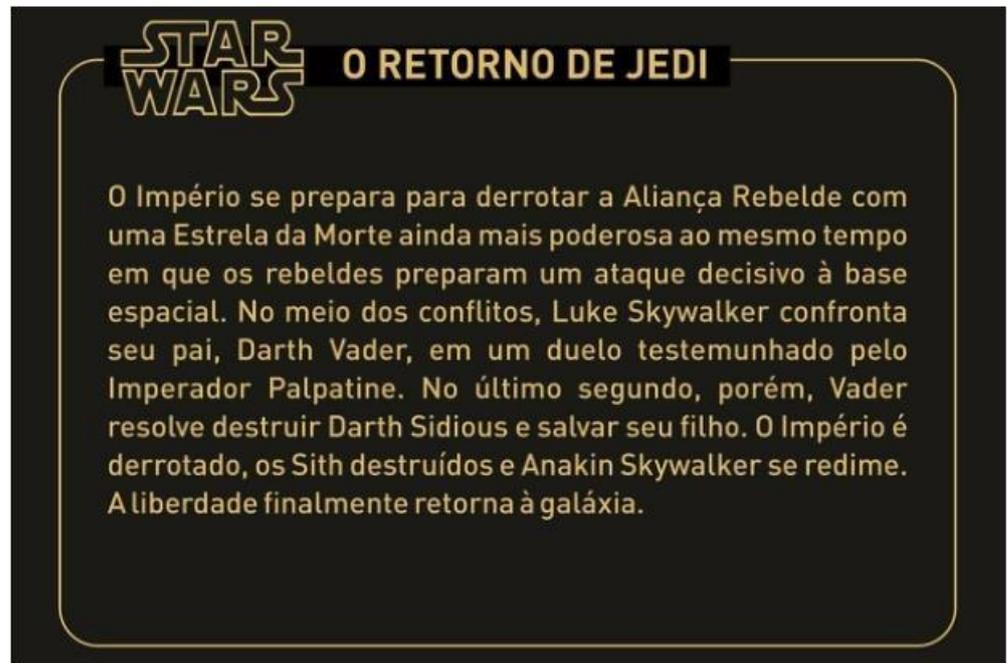
Figura 11 - Proporção de mulheres e homens em O Império contra-ataca



Fonte: *Stars Wars* – Episódio V: O Império contra-ataca.

O RETORNO DE JEDI: O TRAJE ESCRAVO DE LEIA

Figura 12 - História do filme *Stars Wars: O Retorno de Jedi*



Fonte: site Omelete

Quando se discute representatividade feminina, o episódio VI é o mais polêmico da primeira trilogia. Assim como nos outros filmes, a quantidade de personagens femininas é baixa, e neste se resume a duas: Leia e Mon Mothma. Além disso, é nesse filme que Leia usa o figurino mais conhecido e mais sexualizado de toda a saga.

Figura 13– Leia com traje de escrava



Fonte: *Stars Wars* – Episódio VI: O Retorno de Jedi

Para o decorrer da história, era necessário que houvesse um personagem-isca para que Luke voltasse à trama e se mostrasse como o Jedi. Porém a retratação da mulher, é problemática, novamente. De acordo com Leonardo Mozdzenski (2015), as imagens em que as mulheres são exploradas sexualmente, dando ênfase em seus corpos e sendo vistas com desejo, em vez de indivíduos dotados de motivações variadas e desejos próprios torna-se uma representação negativa. E no cinema, Ana Mery Sehbe Carli (2007) diz que a erotização feminina é mais comum no cinema norte-americano, e que o corpo vai sendo aos poucos, desnudado, com decotes e fendas maiores, deixando mais à mostra o corpo feminino, chegando ao limite da quase nudez.

Assim, a sexualização de Leia é usada como recurso narrativo, mesmo não fazendo sentido ao contexto geral da história e da personagem, revelando uma muleta criativa incipiente. Além do traje que revela seu corpo, é possível ver Leia assumir uma postura sensual e claramente desconfortável, acorrentada por Jabba¹². Ela permanece com esse traje por uma boa parte do início do filme.

Mas sendo Leia uma princesa guerreira, enquanto Han Solo e Luke passam por momentos entre a vida e a morte, ela organiza sua própria libertação: aproveita da distração de Jabba e o ataca com a corrente que a prende, matando o seu dominador.

Uma nova contradição ocorre quando, momentos antes de ser capturada, Leia havia resgatado Han Solo das mãos de Jabba. No momento do resgate, ela usava um disfarce (figura 14).

Figura 14 - Leia disfarçada para resgatar Han Solo



Fonte: *Stars Wars* – Episódio VI: O Retorno de Jedi

Para assumir a posição que antes era dada a Han Solo, de salvar e resgatar, Leia precisa se trajar de homem, sem sensualidade, com o corpo coberto. Mas, quando ela novamente precisa ser salva, sua roupa sensualizada confere à personagem uma ideia de submissão e fragilidade.

Esse momento é o ápice da narrativa, mas nesse último filme da trilogia, quando Leia é mostrada mais ativamente nos ataques contra o império, lado a lado

com os personagens de Luke e Han Solo, suas roupas são calças e blusas largas, como as de Luke.

Se por um lado a igualdade dos trajes pode traduzir também uma igualdade de forças, eles também dizem que, para Leia estar em igualdade com os demais personagens, ela precisa se vestir como os homens e abandonar seus vestidos de princesa, tipicamente associados ao ideário feminino.

Nesse filme tem-se uma nova personagem feminina: Mon Mothma. Ela é líder da tropa e tem o papel que normalmente pertencia a Leia (figura 15). Ela coordena e lidera toda a tropa com autoridade, mas com fala delicada, gentil, dócil e suave. Leia agora faz parte da tropa de Han Solo que passa a ser um general da Aliança Rebelde.

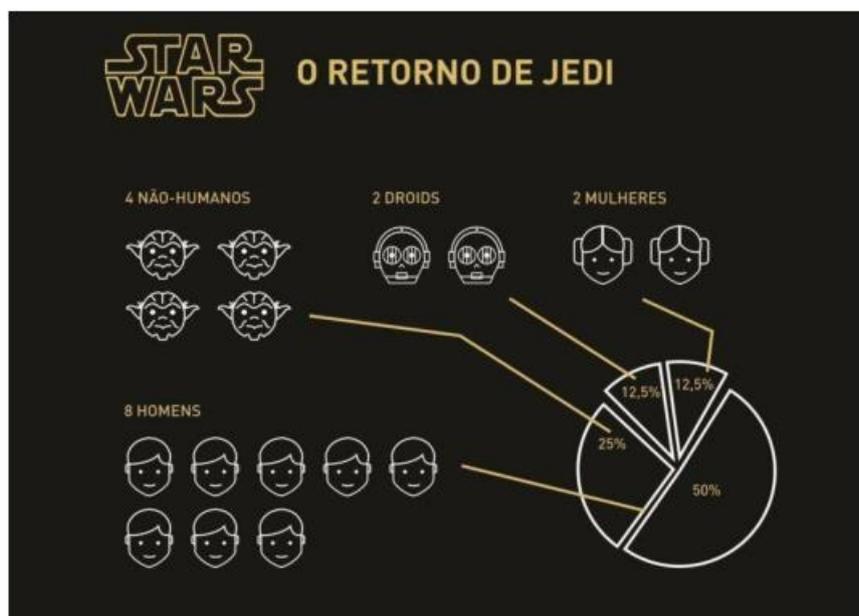
Figura 15 - Mon Mothma comandando um ataque



Fonte: *Stars Wars* – Episódio VI: O Retorno de Jedi

Nesse filme, só existem duas personagens femininas, e apesar de Leia e Mon Mothma estarem na Aliança Rebelde, serem líderes e estarem no mesmo local juntas, não ocorre qualquer diálogo entre elas. Portanto, o filme não passa no Teste de Bechdel.

Figura 16 - Proporção de mulheres e homens em O Retorno de Jedi



Fonte: *Stars Wars* – Episódio VI: O Retorno de Jedi

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando apenas as histórias dos filmes, *Stars Wars* começa com uma personagem fiel aos ideais, líder da causa Rebelde e que quebra os paradigmas construídos em torno de princesas. Contudo a primeira trilogia perde muitas oportunidades narrativas de representar a mulher de forma satisfatória. Em balanceamento a isso, quando se considera a época dos filmes e o público-alvo infanto-juvenil, é ainda muito progressista que personagens como Mon Mothma e Leia tenham sido criadas em 1977.

Como principal personagem feminina, Leia tem uma responsabilidade muito grande de representar as mulheres, e por isso não deixa de ser peça fundamental para a história. A problemática principal são suas atitudes diante de Han Solo, sua sexualização enquanto escravizada e a constante necessidade de ser salva, que confere a ela uma fragilidade dispensável. A redenção da má utilização da personagem nesses filmes, bem como sua real posição comandante do movimento rebelde e de sua importância inquestionável, só vem no sétimo episódio lançado no ano de 2015, 38 anos após sua primeira aparição nos cinemas.

Stars Wars tem um grande público feminino que se identifica com a princesa rebelde que ao mesmo tempo é diplomata e que faz parte da guerra contra um

governo dominador. Leia mostra coragem e firmeza em seus atos, e nesse ponto ela é superior a Han Solo e Luke. Ela possui ainda conhecimento da esfera política e de estratégias de ataque que poucos personagens têm. De forma geral, Leia é construída como uma personagem independente, mesmo com percalços narrativos, não se tornando um subterfúgio narrativo para potencializar exclusivamente a jornada de personagens masculinos.

Para Cristiane Freitas Gutfreind (2006), o conteúdo do filme é uma forma de expressar o cotidiano pela representação de mitos e símbolos. O cinema, assim, é uma forma de olhar o mundo, por isso é importante que filmes como *Stars Wars* que contemplam décadas diferentes em toda a sua trajetória, faça o/a espectador/a, ao frequentar o cinema, se deparar com mulheres em liderança, que são respeitadas de forma isonômica aos homens e o faça enxergar a mulher ao seu lado como sua igual. Assim é possível começar mudanças reais na cultura *pop, nerd* e *geek*.

Female side of the force: first *Stars Wars* trilogy and female representation in pop culture

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the construction of female representativeness in the *Stars Wars* saga, considering its first trilogy (1977-1983). This documental research examined episodes IV, V and VI. The films were analyzed under the technique of content analysis, starting from their order of release, through the decupage of the scenes and the representation of the female figure in the development of each plot of the trilogy, observing also the external context to the productions by means of their temporal cut. The classic *Stars Wars* trilogy accompanies, above all, the rebel princess Leia Organa and who, even in her position as political leader in the plot, presents messages of representative inconsistency, as well as productions in their general context, poor in female visibility.

KEYWORDS: *Stars Wars*. Woman. Representativity. Pop culture. Cinema.

Lado femenino de la fuerza: primera trilogía *Stars Wars* y la representación femenina en la cultura popular

RESUMEN

El propósito de este estudio fue analizar la construcción de la representatividad femenina en la saga *Stars Wars*, considerando su primera trilogía (1977-1983). Esta investigación documental examinó los episodios IV, V y VI. Las películas se analizaron bajo la técnica de análisis de contenido, a partir de su orden de lanzamiento, a través del decupaje de las escenas y la representación de la figura femenina en el desarrollo de cada trama de la trilogía, observando también el contexto externo a las producciones de Medio de su corte temporal. La clásica trilogía de *Stars Wars* acompaña, sobre todo, a la princesa rebelde Leia Organa y quien, incluso en su posición de líder política en la trama, presenta mensajes de inconsistencia representativa, así como producciones en su contexto general, pobres en visibilidad femenina.

PALABRAS CLAVE: *Stars Wars*. Mujer. Representatividad. Cultura pop. Cine.

NOTAS

¹ Disponível em: < <https://www.imdb.com/title/tt0076759/>.> Acesso em: 10 dez. 2018.

² Disponível em: < <https://omelete.uol.com.br/star-wars/>> Acesso em 31 maio 2018.

³ Disponível em: < <http://www.imdb.com/title/tt0076759/awards>>. Acesso em 31 maio 2018.

⁴ Os Stormtroopers eram soldados de elite fanaticamente leais ao Império, hoje são eles que impõem a vontade da Primeira Ordem. De acordo com: <http://br.starwars.com/banco-de-dados/stormtroopers>
<http://br.starwars.com/banco-de-dados/stormtroopers-da-primeira-ordem>
Acesso em 31 maio 2018.

⁵ Obi-Wan Kenobi é um Mestre Jedi que possui grandes habilidades com a Força. Ele foi o mestre de Anakin Skywalker, foi general no Exército da República e mentor de Luke Skywalker. Disponível em: <<http://br.starwars.com/banco-de-dados/obi-wan-kenobi>> Acesso em 31 maio 2018.

⁶ Luke Skywalker é mostrado com origem humilde, Skywalker se torna um dos maiores Jedi da galáxia. Junto Han Solo e sua irmã Leia, Luke luta contra o Império, descobre a verdade sobre seus pais e destrói os Sith. De acordo com
<<http://br.starwars.com/banco-de-dados/luke-skywalker>> Acesso em 31 maio 2018.

⁷ Aliança Rebelde luta é formada a partir dos movimentos de Resistência contra o mal do Império, lutando para derrubar o Imperador e restaurar em democracia. Conforme:< <http://br.starwars.com/banco-de-dados/alianca-rebelde>> Acesso em 31 maio 2018.

⁸ Império Galáctico é um governo que usa do medo, a tirania e a intimidação para governar. A frente do Império tem-se o Imperador Palpatine. Disponível em: <<http://br.starwars.com/banco-de-dados/imperio-galactico>>. Acesso em 31 maio 2018.

⁹ Han Solo é um contrabandista, capitão da Millennium Falcon e depois se torna um dos líderes mais importantes da Aliança Rebelde, lado a lado de Leia (sua companheira) e Luke. Conforme:< <http://br.starwars.com/banco-de-dados/han-solo>> Acesso em 31 maio 2018.

¹⁰ Os Jedis é um grupo de protetores unidos que possuem a capacidade de explorar a Força. A Ordem Jedi, que é a reunião desses Jedis é a guardiã da paz e da justiça na República Galáctica. Conforme <http://br.starwars.com/banco-de-dados/ordem-jedi> Acesso em 31 maio 2018.

¹¹ Darth Vader é o sith que antes havia sido um Cavaleiro Jedi chamado Anakin Skywalker e que se render ao lado sombrio da Força. Ele lidera o Império a mando do seu mestre Darth Sidious. Conforme: <http://br.starwars.com/banco-de-dados/darth-vader> Acesso em 31 maio 2018.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Tatiana Cristina; FREITAS JUNIOR, Edson Ferreira de. Cinema hollywoodiano: a imagem da mulher sob o olhar da lente masculina. **Trabalho apresentado em II Congresso Internacional de História da UFG**. Jataí: História e Mídia, 2011.

CARLI, Ana Mery Sehbe. **O corpo no cinema: variações do feminino**. Essa erotização que beira o limite. São Paulo: PUC/SP, 2007.

GABRIELLI, Cassiana Panissa. **Análise crítica do discurso e teoria feminista: diálogos frutíferos**. 2011. Disponível em:

<http://www.bibliotecafeminista.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=56&func=startdown&id=401>. Acesso em: 31 maio 2018.

GUTFRIEND, Cristiane Freitas. O filme e a representação social. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Rio Grande do Sul, 2006.

MAGALDI, Carolina Alves; MACHADO, Carla Silva. Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas. **Textura**, v. 18 n.36, jan./abr. 2016

MORAIS, Janaina de Araújo. Relações de Gênero e Cinema: a figura feminina no filme Potiche. **Trabalho apresentado no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto: Intercom, 2012.

MOZDZENSKI, Leonardo. Feministas x Stupid Girls: a construção midiática da identidade feminina na cultura pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. **Cultura pop**. Brasília: Compós, 2015.

Recebido: 10 set. 2018.

Aprovado: 21 jan. 2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n39.8813

Como citar:

LOPES, Stéfanie Xavier; SANTOS, Gustavo Souza. O Lado feminino da força: primeira trilogia *Stars Wars* e a representatividade feminina na cultura POP. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 52-70, jan./jun. 2019.

Correspondência:

Gustavo Souza Santos. Rua Platina, 26, Monte Carmelo. Montes Claros/MG. 39400-000. Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

